

ANO 05 - NÚMERO 570 - JUNHO DE 2004

CERJ

Boletim

IMPRESSO

Evolução

Veja o Relato Sobre a Evolução do Montanhismo

Itacoatiara

Invasão do CERJ nas Paredes de Itacoatiara

Sylvio Mendes em Salinas, 1944, na conquista do Pico Maior de Friburgo



EXPEDIENTE 2004

Presidente:

Waldecy Mathias Lucena

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Paula Aprigliano

2 - Vanina Zini Antunes

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Fernando Fajardo

Diretora Social

Miriam Gerber

Auxiliar Dr. Social

Salomyth Smith

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio

Diretor de Divulgação

Guido Ferraz

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

ASSEMBLÉIA GERAL

Presidente

Jose Carlos Muniz Moreira

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Silvia Noronha

Ronaldo Paes

Nino Bott de Aquino

Boletim Informativo do CERJ:

Tiragem: 250 exemplares.

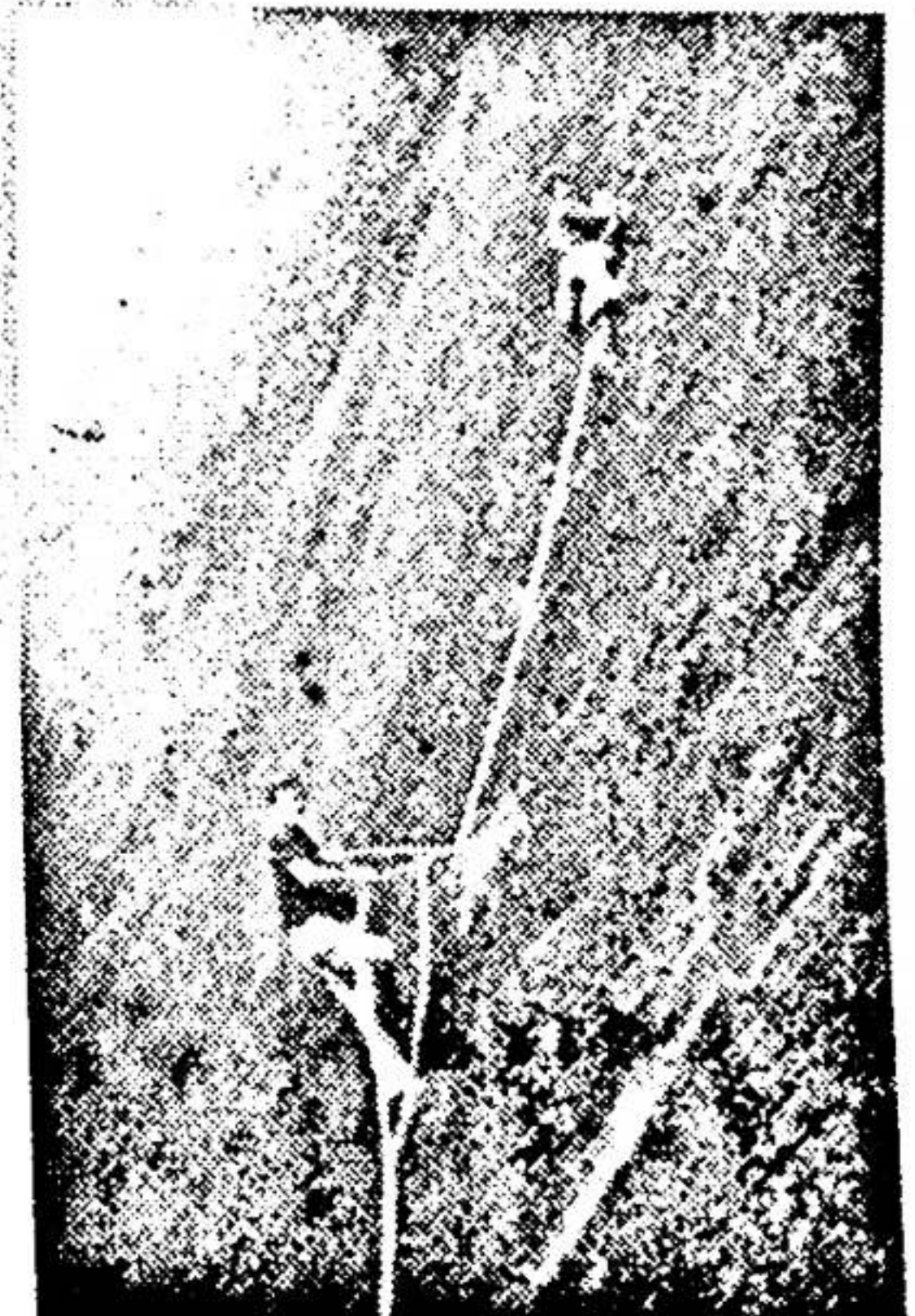
Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que mencionada a fonte



Neste mês de Março, na nossa lista de discussão do CERJ, cerjlist, tivemos um nostálgico debate sobre os materiais usados antigamente nas escaladas. De uma forma espontânea e bem humorada, Reynaldo Pires, Cristiano Requião, Carlos Carrozzino, Ronaldo Paes e outros menos "antigos" foram debatendo e lembrando dos materiais caseiros e artesanais que usavam décadas atrás.

Nas reuniões sociais todos nós eramos unânimes em dizer que aprendemos e rimos muito com os relatos. A curiosidade de todos é geral. Todos nós queremos saber como foi conquistada a via X, ou o lance Y, como era uma escola de guias, os materiais usados, as façanhas dos mais ousados. Infelizmente muito já se perdeu. Sabemos muito pouco dos primórdios do nosso esporte, os pioneiros anos 20 e 30. A foto da capa deste boletim foi garimpada nos arquivos esquecidos do CERJ, e pertence a uma série de fotos de alguma das muitas investidas de Sylvio Mendes e cia. na conquista do Pico Maior de Friburgo. O acesso a Salinas se dava pelo Vale dos Frades, por isso a Caixa de Fósforos aparecer na foto. A foto que aparece abaixo deste editorial é do Carrozzino batendo um grampo na pioneira via IV Centenário (Babilônia) com o Pellegrinni dando segurança a ele. Nesta via foram consumidos 120 grampos de expansão, tanto falado nos relatos deste boletim.

E uma boa notícia. Foram devolvidas ao CERJ as fotos da primeira excursão do clube. Trata-se da excursão a Pedra da Gávea de 22 de janeiro de 1939, dois dias depois da fundação do CERJ. As fotos estão em razoável estado de conservação e estão em minha casa para que eu possa digitalizá-las e assim preservá-las para a posteridade. Também foram devolvidas as fotos da primeira Verruga do Frade do CERJ de junho de 1939. Entendi que a pessoa que devolveu as fotos não teve nenhuma maldade em guardá-las por tanto tempo, tanto que as devolveu. Esperamos que este ato encoraje outros verdadeiros cerjenses a repetir o mesmo gesto...



Waldecy Mathias Lucena

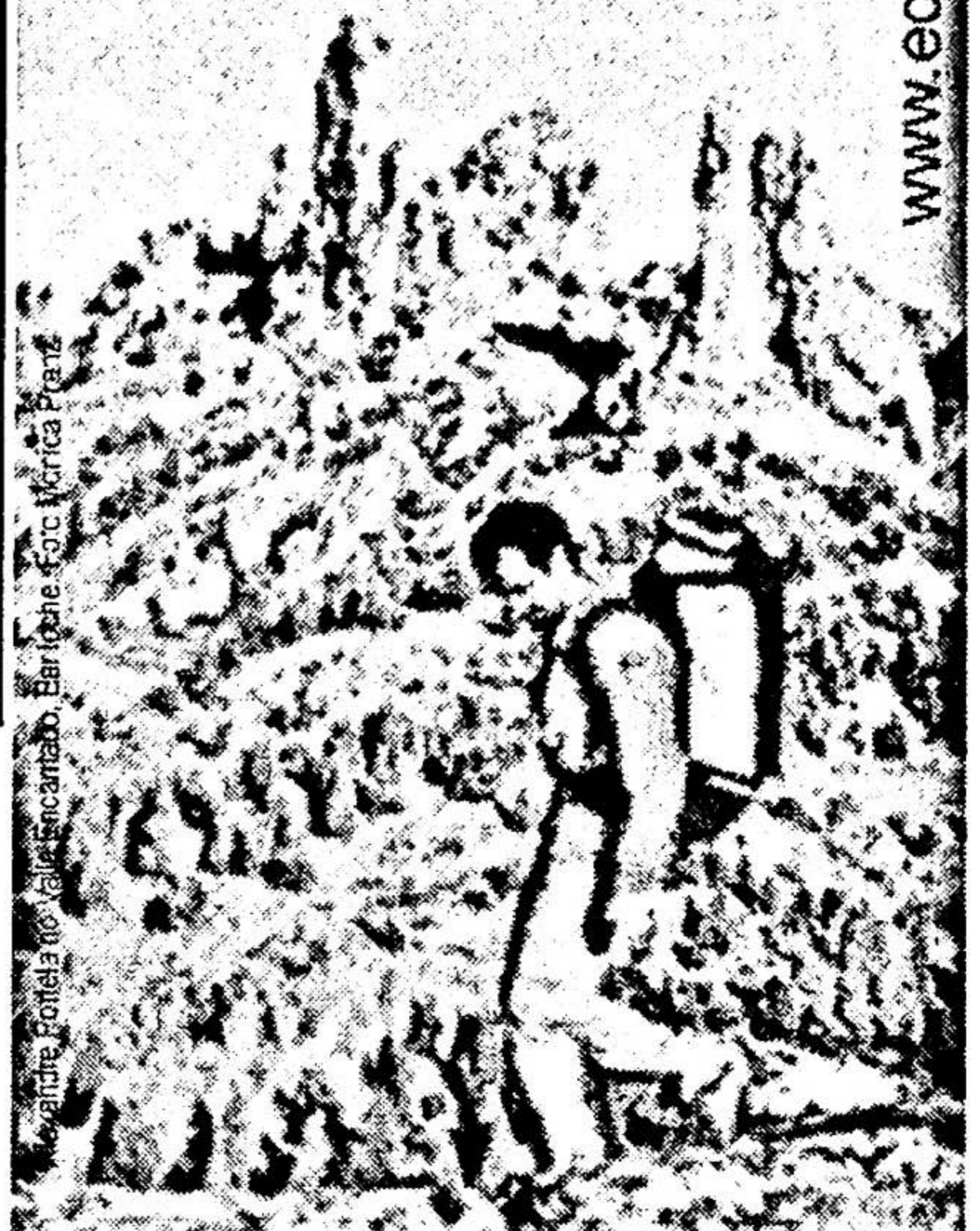
Presidente

Abril

- 03 - Jacques Cardeman**
- 11 - Adriana Teixeira**
- 12 - Paulo Renato de Farias**
- 17 - Vanina Zini Antunes**
- 23 - Jorge Pedro Carauta**

- Alô!
- Quem fala?
- 9963-3848
- É da casa do Waldecy?
- É sim senhor.
- Ele faz projetos?
- Não senhor.
- Faz obras de interiores?
- Não senhor.
- Ora bolas! O que ele faz então?
- Excursões.

Minha homenagem à velha guarda ceebense. Valeu Pitaluga!!!!

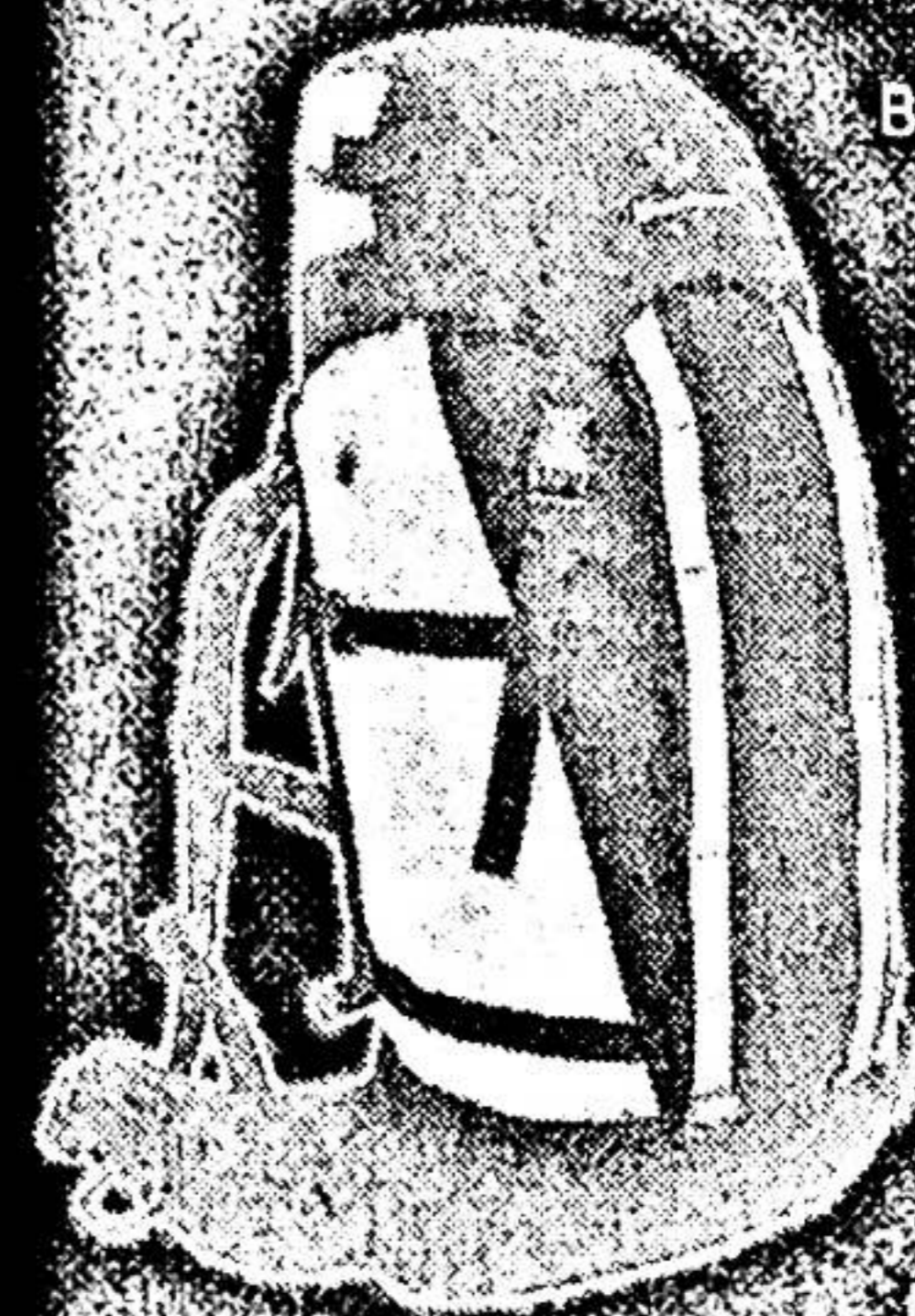


Arquidre Fotela no Vale Encantado, Barão de Foz de Iguaçu, Paraná

www.equinox.com.br

Buenos Aires 41/ 2º andar tel: 2223-1573

Attack 60 litros



Adaptada para cantil flexível

Bolso frontal expansível

cinto e costas revestidos com tecido aerospacer

costas estruturadas com placa de hdpe e EVA

acesso ao compartimento principal também por zíper longitudinal

fitas para compressão e transporte de material

Cordura Plus 500

PROCURA-SE

Se você tiver algum boletim não marcado na tabela, por favor doe ao clube

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1939	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1940	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1941	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1942	X	X						X				
1943	X	X	X	X	X							
1944	X	X		X	X	X						
1945		X	X	X					X	X		
1946			X							X		
1947	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
1948	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1949	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1950			X	X	X		X	X	X	X	X	X
1951	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1952					X	X	X	X	X	X		
1953												
1954												
1955									X		X	
1956												
1957												
1958												
1959												
1960						X	X	X	X	X	X	X
1961	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1962	X	X		X	X		X	X		X	X	
1963	X									X	X	
1964	X									X		
1965										X		
1966									X	X	X	
1967								X	X	X	X	
1968							X	X	X			
1969												
1970		X	X	X								
1971												

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1972									X		X	X
1973	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	
1974			X	X	X	X			X	X		X
1975		X			X	X	X	X	X	X	X	X
1976	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
1977										X	X	X
1978	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
1979								X			X	X
1980	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1981	X	X	X	X	X	X	X		X			
1982	X	X	X	X	X	X	X	X				X
1983							X				X	X
1984			X						X		X	
1985	X			X			X			X	X	X
1986	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X
1987	X	X	X	X	X		X	X	X	X		X
1988		X		X		X			X	X		X
1989	X			X						X	X	
1990	X					X	X		X			X
1991								X				
1992		X			X						X	X
1993	X	X	X	X	X	X	X				X	X
1994	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
1995	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
1996	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1997	X		X			X		X	X	X	X	
1998					X	X						X
1999	X	X	X	X	X	X		X	X	N	N	N
2000	X	X	X	X	X	X	N	N	N	N	N	N
2001	X	X	X	X				X	X	X	X	X
2002	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
2003	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2004	X	X										

O CERJ AGRADECE

Agradecemos ao Nélson Bravin, guia escalador da velha guarda (ingressou no clube em 1953) pela doação de exemplares de boletins antigos e de um vasto material de reportagens sobre o montanhismo em geral. Só falta ele aparecer no clube!!

Ao Ricardo Del Castilho pelas fotos cedidas para o último boletim.

Ao Alfredo Neto por resolver a RAIS do CERJ, e se comprometer a resolver o Imposto de Renda.

Ao Gustavo Pedro pela ótima projeção de slides da Patagônia.

Metrô

Para quem vier nos visitar nas quintas-feiras, além do estacionamento em frente ao São Borja, contamos com o Metrô até as 23 horas.

Mais Material

O CERJ acaba de adquirir três cordas Millet de 60 metros.

Mensalidade

Para quem quiser pagar suas mensalidades no banco, é só depositar na conta do CERJ, do Banco Real. Informações na secretaria do clube.

Falecimento

É com pesar que comunicamos o falecimento de Antônio Carlos Aguiar, ocorrido em Fevereiro último.

Faleceu também Bernarda Beatriz Santos, tia do nosso querido Vavá. Bernarda foi uma das fundadoras do Centro Excursionista Guanabara.

Itacoatiara

No dia 13 de Março, o CERJ promoveu uma invasão em Itacoatiara, Niterói, para comemorar o aniversário do Rodrigo Molinari. Foram feitas as seguintes vias:

Sudoeste do Alto Mourão:

João Paulo, Natascha, Zé e Wal

Paredão Oswaldo Pereira

Júlio e Faia

Luiz Arnaud

Jana, Manuela, Arthur, Guido, Emanuele

Agulha Guarisch

Miriam Bamos, Renato, Silvia, Gustavo Moulin

Emil Mesquita

Arthur, Velho, Manuela, Jana, Nino, Miriam Jourdan, Constantino

Caminhada ao Tucum

Paula (Júlio), Mariana, Muniz, Rodrigo Molinari, Brasil, Aninha, Telma, Vanina

NOVA TEMPORADA DE MONTANHA

Ficou decidido em reunião entre o PNSO e a FEMERJ em 09 de Março de 2004, que serão mantidas as resoluções da temporada de 2003: mesmo número limite de visitantes nas trilhas, mesmos horários de entrada no parque, mesmos valores e descontos nos ingressos. A FEMERJ se comprometeu a entregar ao parque uma xerox colorida de todas as carteiras dos clubes e da própria FEMERJ. As outras federações de montanhismo e seus clubes associados também têm direito ao desconto, bastando para tal enviarem cópia colorida de suas carteiras. A propósito, as carteiras DEVERÃO SER EM PVC, conforme já é a da FEMERJ.



A DIFERENÇA

É muito interessante a minha posição montanhística neste momento e por esta razão resolvi tecer alguns impactos entre o montanhismo de hoje e o de ontem. A minha última escalada, antes de entrar no sarcófago do tempo, foi há mais ou menos 31 anos. De lá para cá, devido a vários fatores, me afastei totalmente das montanhas até que me descongelaram, sem aviso prévio, e acordei no meio do Paredão Comici dizendo aquela velha frase. “– O que é que estou fazendo aqui.”

As pessoas que atravessaram este período sem grandes paralisações não tiveram a sensação das diferenças como eu senti. Abaixo vou relacionar as que considero mais importantes.

Os paredões eram vencidos com alpargatas “RODA” e agora se usa as sapatilhas, que fornecem uma segurança bem superior. Enquanto as sapatilhas grudam no pé e na pedra, as alpargatas dançavam e quando molhadas viravam tamancos (a única vantagem é que elas não espremiavam os nossos dedinhos).

Pozinho de magnésio, nem pensar. Pó, só do buraco de um novo grampo quando utilizávamos o Fuk-Fuk e rezávamos para ele (o pó) não vir na nossa cara.

Como caminhávamos com as alpargatas, não precisávamos levar uma mochila de ataque e por conseguinte, não levávamos nem água e nem comida para as escaladas de um dia.

Sem a mochila de ataque, fazíamos muito mais “chaminé” do que hoje, pois é um saco levar uma mochila escalada acima pendurada abaixo do . . .

As cordadas atuais são normalmente de duas pessoas. Antigamente fazíamos até com quatro e chegávamos a levar para Agulha do Diabo, numa mesma excursão, 14 ou 15 pessoas. Uma verdadeira epopéia.

O material, quanta mudança! Fica até difícil de enumerá-los mas vou tentar. O nosso material BÁSICO para uma escalada no Rio era composto de alpargatas, uma corda de 40 ou 50 mts de 11mm, uma fieira (normalmente feita de cordelete de pára-quedas) com alguns mosquetões pendurados nela, uma solteira (corda de 6 mm com 5 mts de comprimento) e mais nada. Saíamos pelas ruas do Rio parecendo uns verdadeiros ETs .

O material artificial era basicamente píttons (de alumínio) de vários tamanhos e cunhas de madeira, onde utilizávamos um martelo para a fixação dos mesmos. Hoje ainda não me acostumei com a variedade de pecinhas que se utiliza. A impressão que me passa é que para cada buraco ou saliência na rocha, há um miserável destes ferrinhos para ser colocado. Com isso, numa grande escalada em que necessita a colocação destes artificiais, se tirarmos uma foto do guia e compararmos com uma árvore de Natal, e única diferença é que ele não vai ter as luzes pisca-pisca.

Quando eu soube que não se bate mais grampo (fazer um buraco na rocha) com macêta e broca e que ao invés disso fura-se com uma furadeira, fiquei feliz pois participei de várias conquistas e carregar um bornal na lateral do corpo, guiando um lance que só urubu passou por ali, levando dentro o material para fazer o furo, era complicado, pois este material nos tirava do centro de gravidade dificultando o lance. Hoje com estas benditas pecinhas, o guia pode deixar a furadeira (onde está o peso) com o seu acompanhante e, após se fixar puxá-la.

Finalizando, apesar destas comparações não terem fim, acho que a maior diferença entre os dois tempos é que naquela época a nossa segurança estava anexada a corda, que vinha na nossa cintura, que era passada no mosquetão, e por último no grampo e hoje tudo depende das costuras que estão fixadas no baudrier e entre os mosquetões das costuras. O que importa é que o nosso esporte não para, e por esta razão, como qualquer esporte, as mudanças de sua execução tem que ser encaradas como normais, o resto fica para o saudosismo.

Carrossino

ITACOATIARA

Como acertado previamente, às 05:10h em ponto, o Wal passou para me pegar para a nossa excursão na via Sudoeste do Alto Mourão. Teremos nesta jornada a companhia de outra dupla, JP e Natascha na mesma via e uma terceira, Júlio e Faia, na via paralela nesta mesma parede. Encontramos o JP e a Natascha na padaria existente no Trevo para Várzea das Moças.

Iniciamos a caminhada por volta das 06:30h e às 07:00h já estávamos na base da via. Enquanto nos preparávamos para iniciar a escalada, chegaram o Júlio e o Faia, que se dirigiram imediatamente para a base da via que farão, situada a alguns metros à direita da via que faremos. As 07:20h, o JP iniciou a escalada guiando a Natascha, e assim que ele passou pelo primeiro grampo eu iniciei a guiada da segunda cordada. A escalada transcorreu muito bem e sem maiores contratemplos, excetuando dois esticões nos quais eu parti na frente da outra cordada e abri, involuntariamente, duas variantes na via, pois como não avistei os grampos, da primeira vez pulei 2 situados do lado direito da última costura que eu havia feito, eu segui reto e fui encontrar um terceiro grampo bem mais acima. No esticão seguinte eu cometi o mesmo deslize, pulando 3 ou 4 grampos que desta vez estavam à minha esquerda. Mais uma vez fui reto para cima e, felizmente, quando a corda acabou, apesar de eu ainda estar a uns 8m do próximo grampo, tinha ao alcance das minhas mãos um providencial bico de laca, onde me ancorou, me solteirando numa fita devidamente instalada na providencial laca para puxar o Wal até o primeiro dos 2 grampos que eu havia costurado, onde ele mais uma vez se ancorou e eu pude finalmente subir até o neste momento tão almejado grampo. Daqui em diante vou deixar a JP ir na frente, pois ele já fez a via várias vezes e assim não corremos mais risco de pular grampos, eu só havia feito esta via em 1999, quando revezei a guiada com a Mirjam Jourdan e o Celso Rivera, portanto só havia guiado um terço da via e para dizer a verdade não me lembrava de nada ou quase nada. Daquela vez eu também pulei grampos pelo mesmo motivo de hoje, mas somente no último esticão, onde desta vez fiz o trajeto original. Quando já estávamos no segundo esticão da via, chegaram 3 membros do CEC. Fui o primeiro a chegar no último grampo da via exatamente às 11:00h e o último participante atingiu este ponto às 11:15h, encerrando assim mas uma bela escalada com o pessoal do CERJ. O Júlio e o Faia chegaram no final da via deles, a poucos metros à direita de nós, no mesmo momento, e assim seguimos os 6 para o cume do Alto Mourão, onde chegamos às 11:20h, procedendo aí aos cumprimentos de praxe. Enquanto separava o material, aproveitamos para fazer um lanche frugal, pois daqui a pouco estaremos no churrasco do Rodrigo. A cordada do CEC provavelmente rapelou do último grampo, sem subir até o cume do morro, pois pelo tempo que ficamos parados ali eles deveriam ter nos alcançado antes de iniciarmos a descida, o que se deu às 11:45h. A meia encosta nos comunicamos com outro grupo de CERJ que subia a Guarischi, e ao passarmos pela base da Emil Mesquita, encontramos outra turma de Cerjenses que terminava o rapel daquela via. É, hoje o CERJ promoveu a invasão das paredes de Itacoatiara, tínhamos escaladores e caminhantes em 4 morros da região, escalada no Alto Mourão, Agulha Guarischi, Morro do Telégrafo e escalada e caminhada na Pedra de Itacoatiara (vulgo Tucum). Valeu galerá!!!

Hoje, o último grampo é muito especial, pois estamos todos convidados para o churrasco em comemoração ao aniversário do Rodrigo Molinari na casa dos pais deste, que sempre nos recebem com muita alegria e cortesia aqui em Itacoatiara. Realmente é maravilhoso ao término de uma jornada como a de hoje (foram 10 esticões de corda, mais ou menos 550m de via) ser recebido com cerveja gelada, banho de piscina, tira gosto quentinho e toda a simpatia dos nossos anfitriões. Para completar, teve uma parte da galera que simplesmente bivacou na varanda da casa e só se mancou de ir embora no domingo depois que o Sr. Irio, pai do Rodrigo, auxiliado por este, nos preparou uma succulenta macaronada. O nosso muito obrigado ao Rodrigo e sua linda família.

José do Oliveira Barro

TRAVESSIA SÃO LOURENÇO-CASTÁLIA

Esta trilha foi criada para atender à pequena parcela de transporte de carga da região, efetuado com o emprego de mulas, como, por exemplo, o transporte de bananas da região de Castália. Esta trilha é comumente conhecida como a Trilha do Barão, sendo que o trajeto oposto, Castália-São Lourenço, pode ser denominado também de Caminho dos Escravos. Iniciando-se o percurso em São Lourenço, logo depara-se com a beleza de inúmeras plantações de legumes e verduras. Este percurso inicial é desenvolvido a céu aberto. Após 90 minutos de caminhada, chega-se ao Alto da Serra. A partir deste ponto, a Mata Atlântica começa a se fazer mais pujante, através de um trajeto de descida, coberto de densa floresta, com grande variedade de plantas nativas e majestosas árvores. Em ponto mais avançado, a trilha segue acompanhando o leito do rio, dotado de água cristalina, inúmeras corredeiras e maravilhosas cachoeiras.

Em 29 de Fevereiro, Miriam Bamo-Bamo abriu uma prancheta para esta travessia. Na excursão encontravam-se: Nino, Silvia, Cissa, Telma e Ezequiel do Light. O dia do passeio começou com a reunião do grupo na porta do CERJ, por volta das 06:00 horas. Em seguida, rumou-se para Teresópolis, onde foi tomado um rápido café, partindo-se, então, para São Lourenço, via estrada Friburgo-Teresópolis. Na altura do ponto Mercado Produtor, incorporaram-se ao grupo, provenientes de Friburgo, meu irmão Roberto e meu sobrinho Marcelo, colaboradores no reconhecimento do ponto de início da trilha. A identificação deste ponto não ocorreu de maneira tão trivial, tendo em vista que a referência, os três pinheiros, havia sido retirada. Por volta das 09:50 horas, o entusiasmado grupo começou então a aventura pela trilha. A despeito de na véspera ter chovido relativamente forte, isto não acarretou em maiores problemas para a caminhada. O maior problema refletia-se na ansiedade de alguns elementos do grupo, como o Nino, que insistia na crença de não existir cachoeiras ao longo da trilha, que havia "entrado numa roubada", inclusive ameaçando mover processo contra esta participante, por propaganda enganosa. Com exceção deste episódio, o grupo seguiu de moral elevado, entretendo-se com conversas envolvendo assuntos sérios, bem como "abobrinhas". A partir de um determinado ponto da caminhada, podia-se perceber o barulho das corredeiras tomando-se cada vez mais forte e eis que de repente surge uma cachoeira com duas belas quedas de águas cristalinas, porém bastante geladas. No intuito de desopilar o fígado, o Nino rapidamente se agigantou debaixo da cachoeira, sendo também acompanhado pela Cissa. Os demais já não apresentaram a mesma disposição para encarar a ducha fria. Enquanto o Nino e a Cissa tremelicavam de frio, mochilas iam sendo freneticamente abertas, lanches variados iam sendo degustados, com direito a intercâmbio de guloseimas. O pacote de pão suéco com salaminho foi rapidamente devorado por todos. Simplesmente nada sobrou. Após o intervalo para o lanche, o grupo retomou a caminhada. Encantada, a guia Miriam a tudo admirava, afirmando que tal trilha deveria ser percorrida em tempo mais elástico, possibilitando a melhor apreciação da exuberante natureza local. Já no trecho final da caminhada, enormes plantações de bananas puderam ser observadas. A comunidade local é responsável pela produção caseira de bananas passas, comumente conhecida pelo jocoso termo "dedos de múmia". Ao longo deste trecho, deve-se procurar seguir pelo lado esquerdo do rio, onde encontram-se outros aprazíveis espaços, seja para um último banho, seja para o descanso embaixo da sombra. Um pouco mais adiante, já às margens da rodovia RJ-116, chega-se à Castália. Finalmente, gostaria de deixar registrado o agradecimento à guia Miriam, pela cordial aceitação ao convite da caminhada, o desejo de que os colegas CERJENSES tenham, de fato, apreciado o passeio e a recomendação, com empenho, para que tal aventura possa, no futuro, fazer parte da programação de verão.

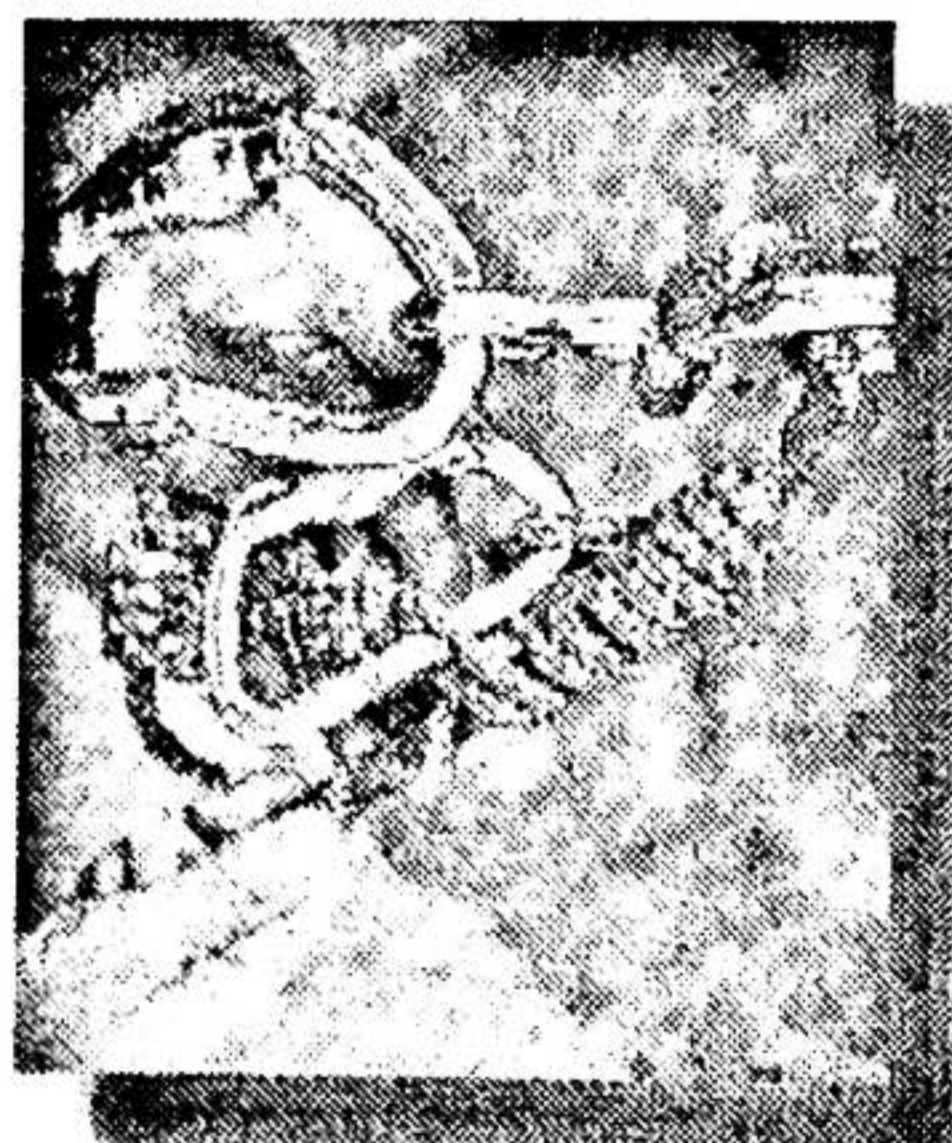
Marineth

RAPELANDO ATENTO

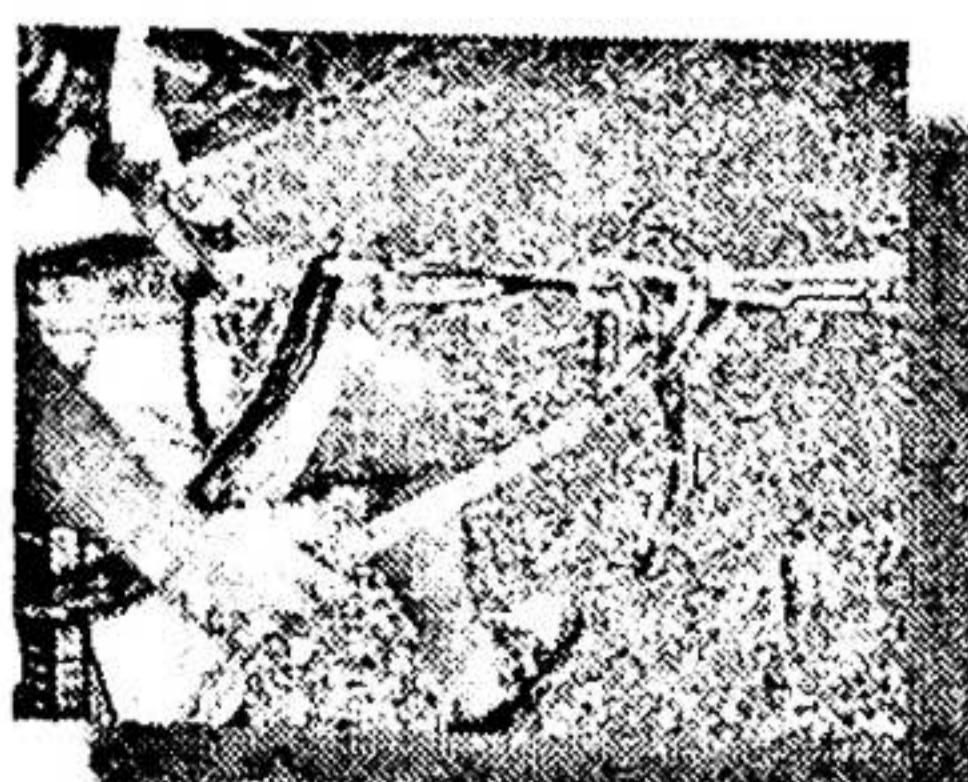
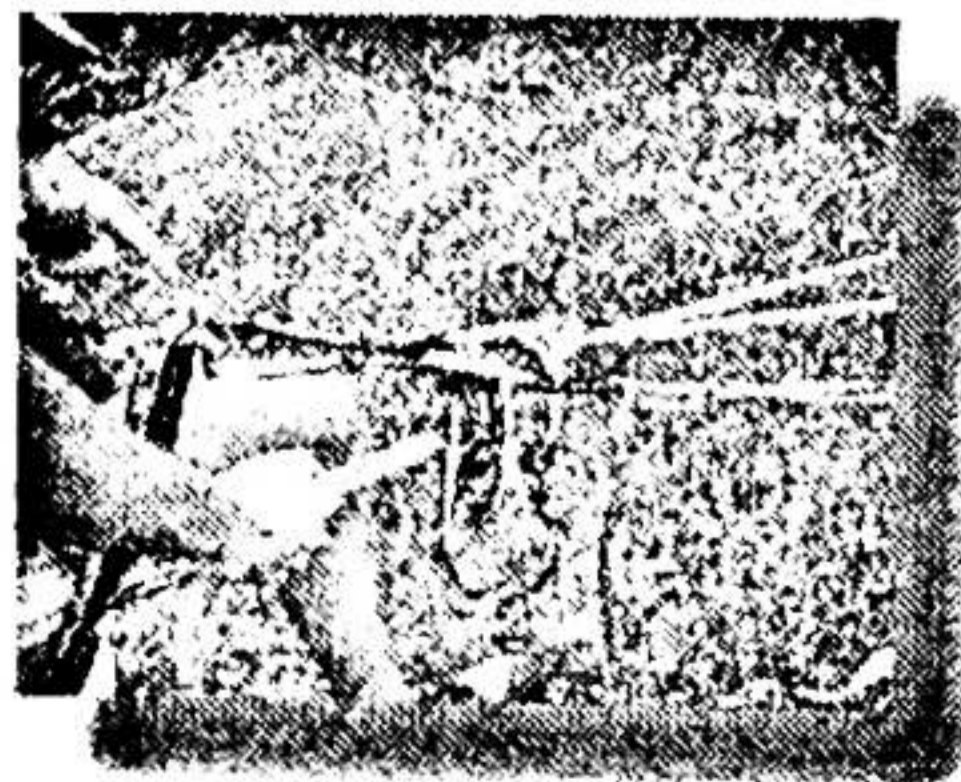
A intenção desse texto, não é ensinar ninguém a fazer "rapel", e sim mencionar algumas dicas que podem fazê-lo mais racional e seguro. Dicas para torná-lo mais seguro:



- a) Prefira descer pela trilha sempre que possível.
- b) Tenha cuidado com a vegetação no momento do rapel, inclusive no momento de puxar a corda.
- c) Rapele sempre de capacete, pedras podem rolar.
- d) Lembre-se, o rapel é o momento da escalada que você está totalmente dependente do equipamento, portanto, todo cuidado e atenção são poucos.
- e) Fique sempre atento para não perder o aparelho de descida. Uma boa dica para não perder o aparelho "Oito" antes de montar o rapel é deixá-lo sempre conectado ao mosquetão pelo olhal maior e montar o rapel (passar a corda) com ele ainda conectado no mosquetão (olhal maior), depois de montada a corda no "Oito", aí sim, pode-se conectar o olhal menor no mosquetão para iniciar o rapel. Dessa forma, no momento de tirar o "Oito" do mosquetão caso ele escape de sua mão, ele estará montado na corda, impedindo que ele caia parede abaixo.
- f) Rapele atento ao final da corda, pare sempre em grampos anteriores ao final da corda.
- g) Evite rapelar com a corda roçando em arestas vivas.
- h) Quem estiver embaixo deverá dar segurança para quem estiver rapelando.
- i) Fique atento com o equipamento, verifique o seu e o do colega quando tiver oportunidade. Confira mais de uma vez se a corda está passando corretamente pelo aparelho e se o mosquetão está rosqueado e conectado corretamente no baudrier.
- j) Rapele sempre com "auto-seguro", utilizando nós de prusik (prusik francês) ou um aparelho específico, por exemplo, o shunt da Petzl. Auto-seguro, na minha opinião, é obrigatório, principalmente em rapéis diagonais e ou negativos, veja as figuras abaixo:



- k) Simule um rapel ainda solteirado, antes de se "lançar" parede abaixo.



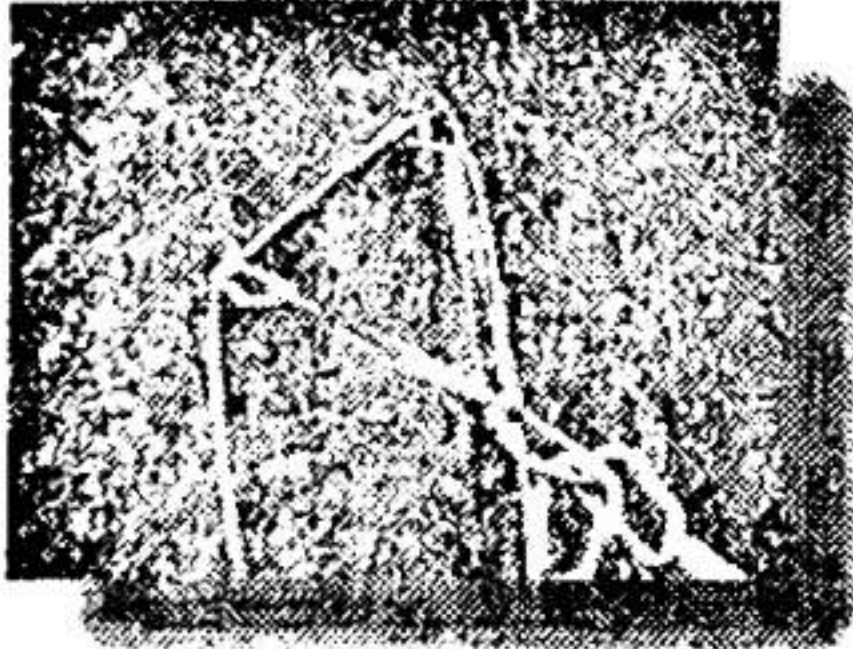
- l) Não banque o "RAMBO" na hora de rapelar, rapele de forma suave, devagar, sem trancos e sem desgastes desnecessários.



m) Analise a qualidade dos pontos de fixação da corda (ancoragem) que você fará o rapel. Nesse texto, vamos nos ater somente a vias grampeadas.

- Verificar se o grampo está bem colocado, se ele não está "telegrafando", caso esteja, rapelar com cautela até um próximo grampo mais seguro e recomeçar o rapel.

- Verificar se ele não está muito para fora, se ele estiver muito para fora, dependendo da inclinação da parede e do quanto é esse "MUITO PARA FORA" seria recomendável "perder um cordelete de pelo menos 5 mm", fazendo um "boca de lobo" na base do grampo, rapelando com cautela até o próximo grampo mais seguro e recomeçando o rapel desse novo grampo.

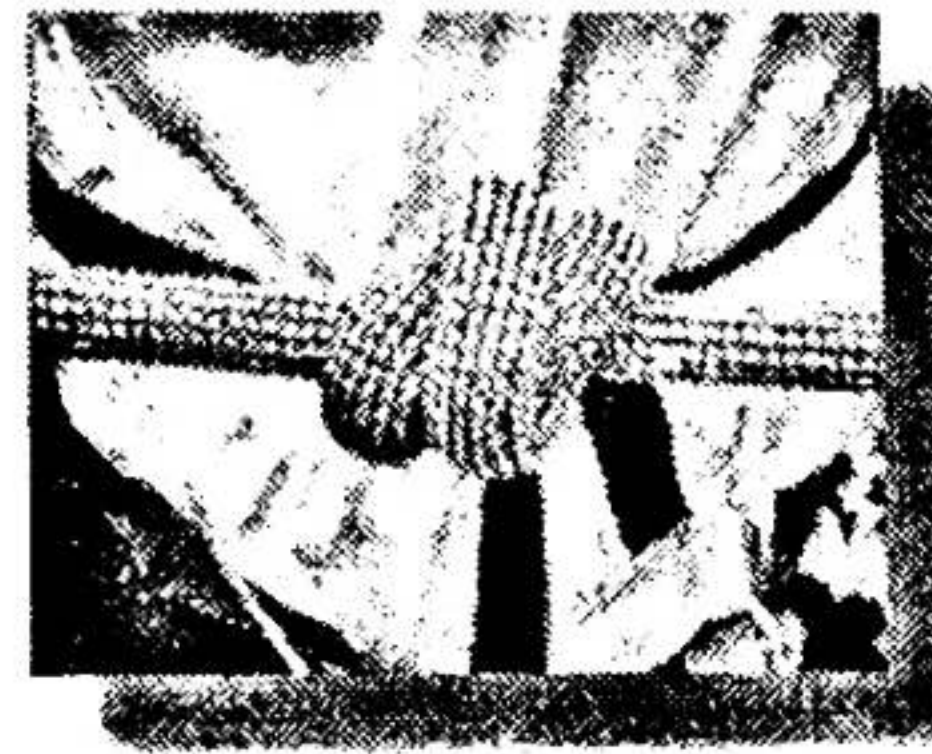
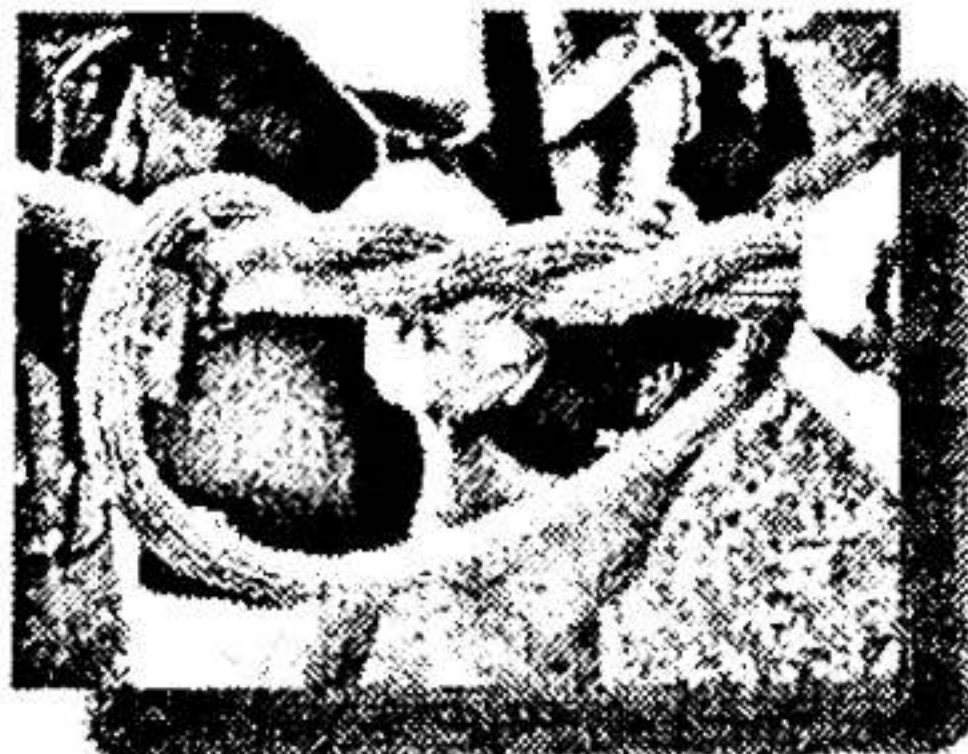


Havendo parada dupla, use os dois grampos, embora algumas pessoas achem que aumente o atrito da corda, mesmo não sendo o ideal em relação a distribuição de cargas, torna-se um pouco mais seguro e psicologicamente é bem mais confortável.



Verificar o nível de oxidação do grampo, principalmente da base, se esse não for muito confiável, rapele desescalando até o próximo grampo e recomece a rapelar desse novo grampo.

n) Na montagem do rapel, nunca esqueça de fazer um nó em cada ponta da corda.



o) Nas vias que exigem mais de um rapel, antes de puxar a corda, verifique se os nós das pontas da corda foram desatados. No momento em que for começar a puxar a corda, já passe a ponta da corda dentro do olhal do próximo grampo, nunca fique com a corda solta de "bobeira", você pode perdê-la. Quando puxar a corda puxe com cuidado e suavidade, evite que a corda "chicoteie" muito, para que ela não prenda em nada indesejável.



p) Na chegada em um determinado grampo, nunca desmonte o aparelho de descida antes de solteirar-se. Isso costuma acontecer quando temos um bom platô no meio da via, dando uma falsa impressão de segurança e distração momentânea do escalador.

q) Em rapéis diagonais, a pessoa que abre o rapel, deve direcioná-lo, colocando costuras em determinados grampos para evitar o pêndulo no momento do rapel. O último deverá retirar as costuras e a pessoa que estiver em baixo deverá ficar dando segurança e direcionando a corda.

r) Procure rapelar de sapatilha principalmente em rapéis diagonais.

Julio César Paes de Mello

"THAT'S ARE FUK FUK!!"

Neste mês de Março, presenciamos na nossa lista de discussões da Internet, um fervoroso debate dos "antigos" sobre técnicas e materiais de escalada do passado. Tudo começou com o Ronaldo Paes defendendo o uso do Magnoni:

Celso Rivera – "O que se diz hoje do manhone é que se no momento da descida a pessoa não mantiver a corda tensionada, ele abre. Usei manhone durante anos, todas as pessoas com as quais eu escalei no início dos anos 80 usavam e nunca vi acontecer nenhum problema. É o aparelho de descida que mais gosto e, infelizmente, perdi o meu, mas ainda não perdi a esperança de conseguir um."

Reynaldo Pires – "Quando comecei a escalar não havia nem aparelho. O primeiro 8 que conheci foi feito de forma artesanal pelo Pellegrini em aço inox. O clube tem um que o Carrô doou. A gente descia com a corda no ombro. Rappel mesmo na sua forma mais clássica. E como a gente prestava muito atenção naquilo que estávamos fazendo, aprendendo com os mais antigos e sem livros nem filmes, nunca ouvi falar de nenhum acidente."

Carrozzino – "O Reynaldo tem razão. O máximo que acontecia era uma escapada da corda na altura do ombro para o pescoço e tínhamos uma bela queimadura feita pela fricção da corda na pele. O 8 foi a grande revolução no montanhismo, pois além de permitir uma descida muito mais segura, permitia descer qualquer pessoa sem a mínima experiência em descida. Tanto que é verdade que após 40 anos ele continua na mochila de muita gente."

Waldecy – "Aprendi a escalar com magnone. O meu primeiro Dedo (1985), o Zezinho ficou puto da vida, pois na hora do rappel, teve que me emprestar o seu magone, e desceu em Yosemite. Lembrei de uma ótima, nos anos 70, o pessoal do CEC foi num ferro velho e comprou um puta que o pariu de ônibus (para quem não sabe, é aquela barra que a galera segura quando anda de pé no ônibus). Foram cortando ele, e transformou-se em dezenas de magnones. Apesar do fato ser surreal, nunca houve acidente. Também usaram trilhos de cortina, que eram usados como pítons ou estribos, e o máximo, porcas de parafusos eram feitas de excentrics..."

Requião – "Deste PQP de ônibus saíram maravilhosos manhones, batizados de nhonhones...e tinham uma vantagem sobre os originais: um buraco por onde passava o mosquetão que não o deixava cair. Aos poucos, com o uso, eles iam ficando com dois sulcos profundos...os mosquetões também!!! Agora, equipamentos improvisados existiam muito...a galera via uma foto no catálogo da Sport Hause e Schuster copiava direto...fiz muito nut de retinida com nó coberto de durepox. Era o tempo da improvisação, com as importações proibidas."

Carrozzino – "O Pellegrini introduziu um grampo de expansão que ele bolou, com pinos de corda de piano, de ¼ de polegadas que foi um verdadeiro avanço em nossas conquistas, pois naquela época só conhecíamos grampos de 5/8 ou de ½."

Requião – "Agora me lembro! Mais ainda da cara do dono de uma loja na Rua da Carioca surpreso me declarando: trabalho aqui há 30 e tantos anos, nunca em tempo algum, veio tanta gente me perguntar se eu tenho cravelhas de piano para vender. O Drá, dono da Mont Blanc, jura que escalou com cadeados no lugar de mosquetões...o participante vinha atrás com as chaves desfazendo as costuras."

Ronaldo – "E os parafusos comuns que a gente usava como grampos de progressão substituindo os grampos de ¼ e os hoje já bem conhecidos cliff-hangers. Para quem não sabe, grampos de progressão eram muito usados nas conquistas quando primeiramente batíamos eles e só depois batíamos os grampos definitivos. Por que isso? Esses grampos levavam em média de 5 a 10 minutos para fixá-los. Depois de batidos nos prendíamos neles e a partir daí, melhor posicionados, as coisas ficavam mais fáceis para poder colocar um grampo definitivo e esses grampinhos, nós os retirávamos assim que o grampo de ½ estivesse no local. Hoje tudo isso pode ser feito com alguns cliffs. Sei que as conquistas da Via dos Austríacos e da Ibis foram feitas quase todas em artificial com a colocação de centenas (e somente) desses grampinhos. Ficaram conhecidos como grampos Cassin de ¼. Bom, mas como toda novidade era importada

e custava caro, surgiu a idéia do parafuso que consistia de nada mais nada menos que usar parafusos comuns com cabeça, de diâmetro $\frac{1}{4}$ e comprimento entre 15 e 20 milímetros. Fazia-se o furo na pedra e ao colocar o parafuso tínhamos que deixar perto de 5 mm de folga entre a cabeça dele e a parede, onde a seguir passávamos um cordelete em forma de alça para prender o mosquetão. Mais tarde esses cordeletes foram substituídos pelos nuts de cabo de aço. Nem é preciso dizer que qualquer movimento brusco poderia soltar tudo e aí tchau. Obs.: essa é boa também. Alguém aí sabe dizer o que é (ou era) um fuk-fuk?"

Reynaldo – “A primeira via conquistada com grampinhos de expansão, na minha memória, foi o IV Centenário. Conquista iniciada em 1964 para terminar em 1965 no Quarto Centenário do Rio de Janeiro. Fuk-Fuk ainda deve existir, mas com outro nome. É aquela seringa de borracha para lavagem vaginal ou intestinal em hospitais, que se usa para retirar o pó de dentro do buraco quando estamos batendo um grampo. Depois apareceu a idéia de usar mangueira de borracha para garrote para retirar sangue.”

Carrozzino – “A primeira vez que se usou grampos de expansão de $\frac{1}{4}$ do Pelle foi na conquista do IV Centenário. Os Austríacos fizeram primeiro a Íbis, contudo quem chegou no primeiro buraco foi o Pelle e eu, onde também utilizamos alguns grampos de $\frac{1}{4}$. Como não tínhamos mais grana pra continuar, os austríacos fizeram o resto.”

Waldecy – “Esses grampos Cassin, o CERJ usou em algumas conquistas. Mas quem mais usou foi o Jean Pierre do Carioca. Tinha também o Chermont, que conquistou a Foca (via de sexto grau nos Cinco Pontões) usando estes grampos. Os parafusos de piano, o CERJ usou pra conquistar a artificial da Caixa de Fósforos, a Chaminé Pellegrini e a artificial da Norte do Capacete, onde o Pelle bateu o recorde de colocação de grampos, fixando em oito horas 23 destes parafusos e seis grampos.”

Reynaldo – “É certo. O Pellé fez aquele artificial no final da Face Norte do Capacete (Via CERJ) todo sozinho sem parar. No dia 3 de janeiro de 1970. Depois a gente passou a noite naquele platô logo acima para terminar a via no dia seguinte. Também tenho ainda alguns grampinhos daqueles Cassin de $\frac{1}{4}$.”

Waldecy – “Aqueles parafusos de piano do Pellegrini também trabalhavam conjugados com uma chapinha de alumínio com um furo no meio e presa por um parafuso por uma porca.... chamavam aquilo de chapeleta caseira do Pellé.”

Ronaldo – “Tinha também as palhetas. As melhores eram feitas daquelas persianas “Columbia” e de tubos de “Redoxon” ou “Cebion”, quando eram fabricados de alumínio. Já usei palhetas também de fuselagem de avião. É, naquele tempo, quando a gente idealizava uma conquista o primeiro lugar que fomos para comprar equipamentos era num “ferro-velho””

Waldecy – “Teve também o Crissauro que, quando era jovem, que tingia a corda para parecer que ela era importada.”

Requião – “Fervi muito panelão de água com tinta Guarany para deixar a corda de molho... note-se que eram cordas de 10 mm torcidas, feitas de borra de náilon (chamávamos “porra” de náilon) compradas na casa tubarão, colocávamos as pobrezinhas esticadas no chão da Rua da Alfândega para melhor identificar os caroços das emendas. As pobrezinhas salam duras da panela como esculturas abstratas...a tinta se soltava aos poucos, ia tingindo a roupa na hora do rappel. Depois, com o uso, ficavam peludas como um angorá, pareciam ter 15mm... Foi com uma dessas que o Jean Pierre me segurou no K2 quando cal uns dez metros, a mão dele entrou no mosquetão. Naquela época as cordas também eram aposentadas com cinco anos!!! Tornavam-se tão execráveis, duras, peludas (ui!), fedorentas e puldas que nem pra rebocar carro serviam...Doces tempos...”

Ronaldo – “O Emil Mesquita teve a idéia de usar pneus de avião como solado de kichute. Ele, por achar ser de um material macio e aderente acreditava que daria um bom solado para escalada. Os Kichutes ficavam idênticos a um tamanco e super pesados. Como eram colados com “michilin”, não suportavam uma única escalada e se soltava tudo. Essa quase obsessão de todos nós para conseguir um tipo de calçado melhor que o Kichute.”

No sábado à noite fui a casa do Rodrigo para ver como estava indo a festa do seu aniversário. Fiquei impressionado com o ar etílico que pairava sobre a casa. Ao chegar, depois de esperar uns bons minutos para que alguém abrisse a porta principal, veio o Rodrigo em estado avançado e me deu as boas vindas. Lhe dei uma garrafa de vinho e ele sumiu. Até agora estou pensando se ele não foi dormir com ela. Encontrei o Zé beijando uma pilastra de madeira. O JP não falava mais, as meninas presentes estavam sentadas prostradas e sem reação de tecer qualquer comentário. O Wal tentava articular alguma conversa com ele mesmo. No canto tinha um Careca, mais conhecido como o Careca da Jana, que dançava sozinho o tempo todo (era uma cena dantesca). Parecia que eu tinha entrado em uma festa pagã da era dos Cezares. De repente, aparece uma cestinha para uma vaquinha, pois a cerveja tinha acabado. Dez minutos depois, Skol para todo lado. Só tinham duas pessoas em estado normal, o cachorro Galileu e o coelho, o resto era um resto. Às 23 horas, fui embora na certeza de que a coma alcoólica estava pronta para agir a qualquer momento. Vão beber assim na PQP..... (Carrozzino relatando o aniversário do Rodrigo em Itacoatiara. Pô Carro, mas que exagero!!!!!!)

Uma forma de evitar que o pó venha sobre o rosto é abrir a boca, colocar um saco plástico dentro e sugar o pó ao invés de assopra-lo. Vivendo e aprendendo. (Carrozzino num momento de muita expiração)

Filósofo???

Todo anoraque é impermeável.

Todo impermeável é Constantino.

Todo Constantino é anoraque...

(Crissauro num momento de inconstância)

Descemos a Serra com nossas bicicletas em alta velocidade. Numa bifurcação, resolvemos esperar o restante do grupo. Começa a chover, após vinte minutos e nada, resolvi passar um rádio para a Dinah, que dirigia o nosso carro de apoio. Ela me explica que duas meninas resolveram colocar as bikes na caçamba da Toyota e seguir a pé. Indignados, resolvemos seguir adiante. O nosso super special international non-alcoholic bikers dream team, nem reparou, mas passou direto pelo único buteco da expedição. Claro que nós paramos para calibrar um pouco, os pneus é claro. Já mais tranquilos com o suco de cevada, chegam as duas "Mariazinhas" na caçamba da Toyota e mandam as explicações: " - Ué, não é um clube de caminhadas? Resolvemos caminhar..." E a outra "Mariazinha" manda: " - Ah Wal, muito melhor descer a pé do que pedalando, a gente curte melhor o visual". E a excursão era de bicicleta. Durma-se com um barulho desses!!!! (Wal, num momento irado.)



Nossa amiga Sandra Palhano (CEB), horrorizada com o casal Arthur e Velho, na excursão a Pedra Aguda (Barra Alegre)

Data	Atividade	Tipo	Responsável
01 de Abril	Passagem dos Olhos	Escalada 2º II	Rodrigo
03 e 04 de Abril	Bivague Dedo de Nossa Senhora	Caminhada Semi-Pesada com Escalada A0	Wal
03 e 04 de Abril	Bivague Escalavrado	Caminhada Semi-Pesada A1	Rodrigo
03 e 04 de Abril	Garrafão	Caminhada Pesada 1º A1	Ronaldo
03 e 04 de Abril	Dedo de Deus	Bivague	Zé
09 a 11 de Abril	Pedra Aguda	Pedalada e Caminhadas (Semi-Pesada)	Wal
11 de Abril	Pico da Tijuca, via Pedra do Conde	Caminhada Leve-Superior	Carrozzino
17 de Abril	Chaminé Stop	Escalada 3º III Sup E3 D3	Zé
17 de Abril	Vale do Rio Santo Aleixo (PNSO)	Caminhada Semi-Pesada	Wal
17 e 18 de Abril	Travessia Petrô-Teré	Caminhada Pesada	Miriam Gerber
01 de Maio	Pico Grande de Magé	Escalaminhada em Mato (Pesada)	Wal
08 de Maio	Travessia Petrô-Teré (Via Pico do Glória)	Caminhada Pesada	Wal
09 de Maio	Reinaldo Benkhen	Escalada 3º III Sup E2 D1	Zé
15 de Maio	Lionel Terray	Escalada 2º II Sup A1	Zé
15 e 16 de Maio	Ouro Preto (Passeio Histórico e Itacolomy)		Miriam Gerber

A MAIOR E MAIS EQUIPADA LOJA DE ESPORTES DE AVENTURA DO RIO DE JANEIRO

Sub&Sub
esportes de Aventura



(21) **2509-1176**
2221-2776

www.subsub.com.br

Rua da Alfândega, 98 - sobreloja
(em cima da Autorizada Motorola)
Centro - Rio de Janeiro - RJ

MERGULHO CAÇA SUB FOTO SUB NATAÇÃO MONTANISMO CAMPING ESCALADA RAPPEL ESPELEO